

BOHUMIL HRABAL

Uma solidão ruidosa

Tradução

Bruno Gomide



Copyright © 1976 by Bohumil Hrabal

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original tcheco

Příliš hlučná samota

Traduzido da edição inglesa

(Too loud a solitude)

Capa

Marcos Kotlhar

Preparação

Maria Cecília Caropreso

Revisão

Ana Maria Barbosa

Daniela Medeiros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hrabal, Bohumil

Uma solidão ruidosa / Bohumil Hrabal ; tradução Bruno Gomide. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: Příliš hlučná samota

ISBN 978-85-359-1635-5

1. Ficção tcheca 1. Título.

10-01976

CDD-891.863

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura tchecoslovaca 891.863

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORARIA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

1.

Já faz trinta e cinco anos que cuido de papel velho, e essa é a minha *love story*. Faz trinta e cinco anos que eu compacto livros e papéis velhos, me lambuzando com as letras até eu mesmo ficar parecido com as minhas enciclopédias, e foram bem umas três toneladas delas que eu compactei pelos anos afora. Sou um cântaro cheio de água mágica e pura, basta me curvar e um jorro de lindos pensamentos flui. Minha educação ocorreu tão inconscientemente que não consigo dizer bem quais pensamentos vêm de mim e quais vêm dos livros, mas foi assim que fiquei em sintonia comigo e com o mundo ao redor nesses últimos trinta e cinco anos. Pois quando leio, não é apenas ler o que eu faço; eu jogo uma linda frase na boca e a chupo como uma bala de fruta, ou a sorvo como licor, até o pensamento se dissolver em mim feito álcool, infundindo-se no cérebro e no coração e atravessando as veias até a raiz de cada vaso sanguíneo. Num mês normal compacto duas

toneladas de livros, mas, para reunir forças para essa devotada labuta, bebi, nos últimos trinta e cinco anos, uma quantidade de cerveja que daria para encher uma piscina olímpica, uma incubadora de peixes inteirinha. Tamanha sabedoria como a minha veio de forma inconsciente, e vejo meu cérebro como uma massa de pensamentos hidráulicamente compactados, um fardo de ideias, e minha cabeça como uma lâmpada de Aladim lisa e lustrosa. Bem mais belos devem ter sido os dias nos quais o único lugar em que um pensamento podia se afirmar era o cérebro humano, e quem quisesse esmagar ideias tinha que compactar cabeças, mas nem isso teria adiantado, pois os pensamentos reais vêm de fora e viajam conosco feito a sopa de macarrão que levamos para o trabalho, ou seja, os inquisidores queimam livros em vão. Se um livro tem algo a dizer, ele queima com uma risadinha silenciosa, pois todo livro que preste se projeta para fora de si. Acabo de comprar uma dessas minúsculas máquinas que somam, dividem e calculam raiz quadrada, uma geringonçazinha menor do que uma carteira, e depois de tomar coragem e forçar a parte de trás com uma chave de fenda, fiquei chocado e me diverti ao não encontrar nada além de uma geringonça ainda mais insignificante — menor do que um selo e mais fina do que dez páginas de um livro —, isso e ar, ar eivado de variações matemáticas. Quando meu olho pousa em um livro real e olha a palavra impressa, o que ele vê são pensamentos descarnados voando pelos ares, deslizando no ar, vivendo do ar, voltando para o ar, pois, no fim, tudo é ar, assim como a hóstia é ar, e não sangue de Cristo. Faz trinta e cinco anos que compacto livros e papéis velhos,

vivendo como vivo numa terra que sabe ler e escrever há quinze gerações, vivendo em um reino de outrora onde foi e ainda é costume, uma obsessão, compactar pensamentos e imagens pacientemente na cabeça da população, assim lhes dando alegrias inefáveis e desgraças ainda maiores, vivendo entre gente que sacrificará a própria vida por um fardo de pensamentos compactados. E agora isso tudo se repete em mim. Paralelamente aos trinta e cinco anos de apertar os botões vermelho e verde na prensa hidráulica, passei trinta e cinco anos bebendo cerveja. Não que eu goste, não; detesto bêbados, bebo para me obrigar a pensar melhor, para ir ao âmago do que leio, porque o que leio, leio não por diversão, ou para matar o tempo, ou para adormecer; eu, que vivo numa terra que sabe ler e escrever há quinze gerações, bebo para que a leitura me impeça de cair num sono eterno, me cause *delirium tremens*, porque compartilho com Hegel o ponto de vista de que um homem de coração nobre ainda não é um nobre, nem um criminoso é um assassino. Se eu soubesse escrever, escreveria um livro sobre as maiores alegrias e tristezas do homem. Foi nos livros que aprendi que os céus não são caridosos, nem os céus, nem qualquer homem sensato — não é que os homens não desejem ser caridosos, é que isso agride o bom-senso. Livros raros perecem na minha prensa, sob minhas mãos, contudo não consigo deter o seu fluxo: não passo de um açougueiro refinado. Os livros me ensinaram a alegria da devastação: amo temporais e equipes de demolição, sou capaz de ficar horas observando as bombeadas cuidadosas e coordenadas dos peritos em explosões enquanto eles detonam casas inteiras, mandam

ruas inteiras pelos ares, aparentando apenas encher pneus. Não me cango desse primeiro momento, aquele que levanta todos os tijolos, pedras e vigas e depois os faz desabar mansamente, como roupas se esparramando, como um navio a vapor afundando veloz nas profundidades do oceano depois que as caldeiras estouraram. E ali estou eu na nuvem de poeira, na música da fulminação, pensando no meu trabalho lá nas profundezas do porão onde tenho a prensa, aquela na qual já se vão trinta e cinco anos que trabalho à luz de umas poucas lâmpadas elétricas e onde lá em cima ouço passos se movendo pelo pátio, e, por uma fresta no teto, que é também um buraco no meio do pátio, vejo cornucópias enviadas pelos céus em forma de sacas, engradados e caixas derramando a papelada velha, caules de floricultura fenecidos, embalagens de atacadistas, programas de teatro antiquados, embalagens de sorvete, papel de parede salpicado de tinta, pilhas de papel úmido e sangrento dos açouges, sobras afiadíssimas dos estúdios de fotografia, conteúdos de cestas de papel de escritórios, incluindo fitas de máquina de escrever, buquês de aniversário e de comemorações há muito passadas. Às vezes encontro um paralelepípedo enterrado num bolo de jornais para fazê-los pesar mais ou um canivete e uma tesoura jogados fora por engano, ou martelos, ou cutelos, ou canecas com café preto ressecado ainda dentro, ou ramalhetes de casamento esmaecidos enovelados com coroas para funerais, artificiais e fresquinhas. Já faz trinta e cinco anos que compacto isso tudo na minha prensa hidráulica, três vezes por semana tudo é levado de caminhão até o trem, daí até a fábrica de papel, onde eles rompem os fios e mer-

gulham meu trabalho em álcalis e ácidos fortes o bastante para dissolver as lâminas com que lanho as mãos. Mas assim como um belo peixe vez por outra lampeja nas águas de um rio poluído que corre em meio a uma fileira de fábricas, no fluxo de papel velho a lombada de um livro raro vez por outra luzirá, e se por um instante eu me afasto, encafifado, sempre volto a tempo de resgatá-lo, e depois de enxugá-lo no avental, escancará-lo e respirar sua tinta, ferro o olho no texto e leio a primeira frase como uma profecia homérica, então o ponho cuidadosamente no meio dos outros esplêndidos achados, num pequeno engradado revestido com os santinhos que alguém certa vez despejou por engano no meu porão junto com uma carga de livros de orações, e então vem o meu ritual, minha missa: não apenas leio cada um desses livros; pego todos e ponho em um fardo, pois tenho necessidade de enfeitar os meus fardos, dou-lhes meu carimbo, minha assinatura e sempre me preocupo com a preparação de um fardo diferenciado: necessito passar duas horas extras no porão todo santo dia, tenho que chegar ao trabalho uma hora mais cedo, às vezes preciso ir aos sábados se quiser desbastar a infindável montanha de papel velho. No mês passado, entregaram quase setecentos quilos de reproduções dos Velhos Mestres, despejaram no porão quase setecentos quilos de empapados Rembrandts, Halses, Monets, Manets, Klimts, Cézannes e outros figurões da arte europeia, então agora eu emolduro cada um dos fardos com reproduções, e quando chega a noite e os fardos ficam enfileirados esperando, em todo o seu esplendor, o elevador de serviço, não consigo tirar os olhos deles: aqui a *Ronda noturna*, a *Saskia*,

ali *Le Déjeuner sur l'herbe*, acolá a *Casa do enforcado* ou a *Guernica*. Além do mais, sou o único no mundo que sabe que no fundo do coração de cada fardo há um *Fausto* ou um *Don Carlos* escancarado, que aqui, enterrado sob uma pilha de papelão ensanguentado, repousa um *Hyperion*, ali, acolchoado em pilhas de sacas de cimento, jaz um *Assim falava Zarathustra*; sou o único no mundo que sabe qual fardo tem Goethe, qual tem Schiller, qual tem Hölderlin, qual tem Nietzsche. Em certo sentido, sou tanto artista quanto público, mas a pressão cotidiana acaba comigo, me exaure, me fustiga, me suga, e, para amainar e conter meu gasto de energia, emendo uma cerveja na outra, e a caminho de outra dose no Husenský, tenho tempo para meditar e sonhar com a aparência do novo fardo. O único motivo de eu beber tanta cerveja é ver o futuro, pois em cada fardo enterro uma relíquia preciosa, um caixão de criança aberto, espargido com flores murchas, ouropéis e cabelo de anjo, e eu faço uma caminha boa para os livros que aparecem inesperadamente no porão, assim como eu um dia apareci. É por isso que estou sempre defasado no trabalho, que o pátio está entupido até o telhado com papel velho que não consegue descer pela fenda, desde o teto do porão até a montanha de papel velho que o bloqueia por baixo, é por isso que o meu chefe, vermelho de raiva, às vezes mete o gancho pela fenda e desbasta o tanto de papel suficiente para me gritar “Haňťa! Cadê você? Pelo amor de Deus, para de chamego com esses livros e vai trabalhar! O pátio está entupido de papel e você fica aí sonhando!”. E eu me aconchego, abrigado na montanha de papel como se fosse Adão atrás de um arbusto, e pego um livro, e os olhos se

arregalam num mundo que não é o meu, porque quando começo a ler fico num lugar completamente diferente, estou dentro do texto, é incrível, devo até admitir que fiquei sonhando, sonhando numa terra de grande beleza, estava no âmago da verdade. Dez vezes ao dia, todo dia, fico matutando nessa andança longínqua, e então, alheio a mim mesmo, alienado, vou para casa, caminhando em silêncio pelas ruas e em profunda meditação, passando pelos bondes, carros e pedestres em meio a uma nuvem de livros, os livros que encontrei naquele dia e que carrego para casa na valise. Perdido em sonhos, vou atravessando os sinais de trânsito, sem nunca esbarrar em postes ou em gente, contudo avançando, exsudando emanações de cerveja e fuligem, contudo sorrindo, porque minha valise está cheia de livros e naquela noite mesmo espero que eles me digam coisas sobre mim que não sei. E lá vou eu pelas ruas barulhentas, sem jamais atravessar no vermelho, caminho subconscientemente inconsciente, semiacordado, subliminarmente inspirado, com cada fardo que compactei naquele dia desvanecendo-se suave e tranquilo em mim. Percebo o meu eu físico como um fardo de livros compactados, o assento de uma luzinha-piloto de carma, como a chama de uma geladeira a gás, uma chama eterna que alimenta todos os dias com o óleo dos meus pensamentos, que vêm do que leio inconscientemente durante o trabalho com os livros agora levados para casa na valise. Então caminho como uma casa em chamas, como um estábulo em chamas, a luz da vida se derramando do fogo, o fogo se derramando da madeira moribunda, hostil tristeza rendendo sob as cinzas, e já faz trinta e cinco anos que compacto pa-

pel velho na minha prensa hidráulica, faltam cinco anos para a aposentadoria, e a prensa vai comigo, não a abandonarei, economizo, tenho minha própria caderneta bancária, eu e a prensa nos aposentamos juntos, porque vou comprá-la da firma, vou levá-la para casa e enfiá-la em algum lugar no meio das árvores do jardim do meu tio, e então, quando chegar a hora, farei só um fardo por dia, mas um fardão, um fardo para acabar com todos os fardos, uma estátua, um artefato, derramarei todas as ilusões juvenis nele, tudo que sei, tudo que aprendi durante trinta e cinco anos de trabalho, finalmente trabalharei só quando me der na telha, quando me sentir inspirado, um fardo por dia, das três toneladas de livros que me esperam em casa, um fardo de que nunca me envergonharei, um fardo que poderei planejar e sonhar por antecipação. E, mais importante, enquanto guarneço o cilindro da prensa com livros e papel velho, enquanto estou nas dores da criação, mas um pouquinho antes de acionar a pressão, salpico tudo de confete e lantejoulas, um novo fardo por dia, e quando terminar o ano — uma exposição, monto uma exposição no jardim, e todas as pessoas que vierem poderão fazer o seu, embora sob minha supervisão, e quando aparece a luz verde e a prensa começa a sacolejar, começa com o seu sacolejo tremendamente poderoso, começa a esmagar e a compactar o papel velho adornado com livros e flores e toda a tralharia que o pessoal trouxe, o espectador sensível pessoalmente experimentará a compactação na minha prensa hidráulica. Mas agora estou em casa, sentado na cadeira, cabeça pendendo e pendendo até que pego no sono do único jeito que sei, lábios úmidos contra

joelhos erguidos. Às vezes chego à meia-noite em minha pose de Thonet, e, quando acordo, enovelado, enrodilhado como um gato no inverno, como uma armação de cadeira de balanço, ergo a cabeça e encontro o joelho da calça todo babado. Consigo ficar no meu canto porque nunca estou solitário, mas apenas sozinho, vivendo na minha solidão densamente povoada, uma farândola de infinito e eternidade, e o Infinito e a Eternidade parecem gostar de tipos como eu.